

# Galbraith e Sachs crêem que Brasil dominará crise

con. Brasil  
JORNAL DE BRASÍLIA  
\* 5 OUT 1989

A situação econômica brasileira é problemática, mas a capacidade de superação dos problemas é potencialmente maior que as dificuldades conjunturais. O País deveria fazer diversos ajustes urgentes, começando por uma reforma fiscal, drásticos cortes de despesas e redução do pagamento da dívida externa. Estas são as opiniões de dois dos mais conceituados economistas americanos da atualidade, John Kenneth Galbraith e Jeffrey Sachs, expostas durante seminário promovido ontem, no Centro Empresarial de São Paulo.

"Os economistas sempre fazem previsões frias para impressionar os jornalistas. Vocês não devem se preocupar tanto com o pessimismo de um economista como Galbraith", disse o próprio Galbraith, em rápida entrevista à imprensa, após sua palestra. Sem conseguir disfarçar seu desencanto com a situação econômica, mas mantendo o bom humor e a elegância com os anfitriões, o canadense naturalizado americano, de 82 anos, afirmou que através de soluções clássicas o Brasil poderia retomar o desenvolvimento e sair da crise: "Não vim aqui para dizer coisas bonitas. O Brasil tem amplas condições de fazer parte dos países economicamente mais avançados, na próxima década, se estabilizar a sua economia. Este País tem uma população grande, mão-de-obra abundante, muitos recursos naturais, uma tecnologia avançada. Mas, sem ajustes urgentes não irá a lugar nenhum".

O professor da universidade de Harvard alinhou uma série de ajustes a serem adotados pelo próximo governo: "É preciso reduzir a participação do Estado na economia; cortar as despesas, incluindo as militares; manter os níveis salariais; diminuir os gastos com as empresas estatais; controlar o fluxo do pagamento da dívida externa. Esta é a minha opinião. Não espero que aceitem meus conselhos. Acho que o Brasil deve continuar no FMI e nos bancos internacionais. Essa relação é benéfica, embora eu tenha criticado o FMI em muitos aspectos. Por exemplo, o Fundo Monetário exige austeridade

de dos países devedores, mas essa austeridade recai sobre os setores pobres da população. Gostaria que recaísse sobre as despesas militares, com o pessoal burocrático etc. Quanto à dívida interna vejo maiores problemas. Ela não é hemorrágica. O dinheiro continua no País.

Galbraith, autor de 26 livros e ex-assessor do ex-presidente norte-americano John Kennedy, acha indispensável uma decidida reforma fiscal: "É absolutamente urgente estruturar o Imposto de Renda progressivo e eficiente no recolhimento. Apóio a taxação sobre vendas de artigos não-essenciais; deixando de fora os alimentos. Em tese, o congelamento de preços e salários pode funcionar, mas deve ser acompanhado de medidas paralelas. Caso contrário, fracassará, como no Brasil e na Argentina".

## Sachs

Posições semelhantes foram defendidas por Jeffrey Sachs. Ele pregou uma urgente reforma fiscal e o corte drástico de despesas como remédio imediato para reverter a expectativa inflacionária. Assessor do governo boliviano para assuntos econômicos, Sachs comparou o efeito do choque econômico naquele país, que reduziu a inflação a níveis europeus, com a situação brasileira: "Houve maciço apoio popular às medidas ortodoxas adotadas. Aqui, acho que um plano semelhante falharia, porque o brasileiro está convivendo naturalmente com a inflação, há anos. Além disso, a economia boliviana é primária, e seu PIB (Produto Interno Bruto) é baixo. O Brasil tem muito mais opções do que outros países para combater a inflação e retomar o desenvolvimento. Primeiro, deve-se reduzir a interferência do Estado na economia. O mercado precisa decidir mais sobre os preços, normas etc. Tudo funciona melhor quando o governo interfere menos".

Sachs acrescentou que "o Brasil paga, provavelmente, os juros mais altos do mundo para rolar sua dívida interna. Tenho sérias dúvidas sobre a eficácia desse expediente. A dívida interna pode ser administrada através de uma reforma fiscal adequada e dura".